



ESCRAVIDÃO, QUILOMBO E RESISTÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM SUSTENTABILIDADE

Mariana Paz¹, Ariele Pedral¹, Carolina Rubano¹, Lucas Pinheiro¹,
Marta Oliveira¹, Vanessa Bezerra¹

RESUMO: O presente artigo tem o intuito de relatar a experiência do Projeto de Extensão: *LUZ, CÂMERA, AÇÃO: a presença das relações de gênero e do racismo no cinema* em um documentário sobre o Quilombo do Grotão (Niterói – RJ) apresentado na Semana de Integração Acadêmica da UNIRIO, realizada na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) integrando a Jornada de Iniciação Científica. O artigo além de descrever a experiência da visita e da produção do documentário, também contextualiza a história brasileira, à escravização da força-de-trabalho negra, suas formas de resistência a esse sistema cruel e opressor e mostra as consequências de 300 anos de escravidão no Brasil. A população negra, em toda a sua história desde sua chegada ao território brasileiro, demonstrou sua resistência e uma delas foi através dos quilombos, que eram comunidades formadas por escravos fugitivos. O modelo de trabalho escravista deixou grandes mazelas sociais até os dias de hoje que são enfrentadas pelas pessoas negras. Neste contexto, o Quilombo na atualidade continua sendo mais uma forma de resistência ao racismo e ao capitalismo predatório que destrói o meio ambiente. O documentário desenvolvido pelo projeto une a história de resistência do passado do povo preto a nova resistência, só que agora em uma serra que vai desde preservação da memória e tradições a um exemplo prático e viável de sustentabilidade.

Palavras-chave: Quilombos. Sustentabilidade. Racismo. Meio ambiente.

SLAVERY, QUILOMBO AND RESISTANCE: REPORT OF EXPERIENCE IN SUSTAINABILITY

ABSTRACT: This article aims to inform the experience of the Extension Project "Luz, Câmera e Ação: A presença das relações de gênero e racismo no cinema" in a video documentary about "Quilombo do Grotão" (Niterói - RJ) introduced at the National Week of Science and Technology (NWST) integrating the Scientific Initiation Journey at UNIRIO. Beyond the article describe the process of visit and production of the documentary, it also contextualize Brazilian history, the enslavement of the black workforce, your forms of resistance to this cruel and oppressive system, and show all the consequences of this 300 years of slavery in Brazil. The black people, in all your history, since your arrival to Brazilian territories, demonstrated your resistance through the "Quilombos", that was communities constitutive by fugitives' slaves. The slaving work model has left a lot of negative social traits which are faced by the black people until nowadays. In this context, "Quilombo" current image continuous to be a way to resist to racism and to predatory capitalism system which destroy the natural environment. The documentary developed by the project join the history from the past of the black people and the new resistance, only now in a place that ranges since the preservation of the memories and tradition to a practical and viable example of sustainability.

Keywords: Quilombos. Sustainability. Racism. Environment

ESCLAVITUD, QUILOMBO Y RESISTENCIA: INFORME DE EXPERIENCIA EN SOSTENIBILIDAD

ABSTRACTO: El presente artículo tiene la intención de relatar la experiencia del Proyecto de Extensión: *LUZ, CÁMERA, ACCIÓN: la presencia de las relaciones de género y del racismo en el cine* en un documental sobre el Quilombo del Grotão (Niterói - RJ) presentado en la Semana de Integración Académica de UNIRIO, realizada en la Semana Nacional de Ciencia y Tecnología (SNCT) integrando la Jornada de Iniciación Científica. El artículo además de describir la experiencia de la visita y la producción del documental, también contextualiza la historia brasileña, a la esclavitud de la fuerza-De trabajo negro, sus formas de resistencia a ese sistema cruel y opresor y muestra las consecuencias de 300 años de esclavitud en Brasil. La población negra, en toda su historia desde su llegada al territorio brasileño, demostró su resistencia y una de ellas fue a través de los quilombos, que eran comunidades formadas por esclavos fugitivos. El modelo de trabajo esclavista ha dejado grandes daños sociales hasta los días de hoy que se enfrentan por las personas negras. En este contexto, el Quilombo en la actualidad sigue siendo una forma más de resistencia al racismo y al capitalismo depredador que destruye el medio ambiente. El documental desarrollado por el proyecto une la historia de resistencia del pasado del pueblo negro a la nueva resistencia, sólo que ahora en una siembra que va desde preservación de la memoria y tradiciones a un ejemplo práctico y viable de sostenibilidad.

Palabras clave: Quilombos. Sustentabilidad. Racismo. Medio ambiente.

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Autor correspondente:
marianatpaz@hotmail.com

*Originais recebidos em
30 de outubro de 2020*

*Aceito para publicação em
27 de janeiro de 2021*

INTRODUÇÃO

Em 1987, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente, apresentou na Organização das Nações Unidas (ONU), um diagnóstico dos problemas ambientais cujo documento ficou conhecido como Relatório Brundtland, este documento propunha que o desenvolvimento econômico fosse integrado à questão ambiental. Foi quando apareceu, pela primeira vez, o conceito de sustentabilidade. Sustentabilidade significa, sobretudo, sobrevivência. Sobrevivência dos recursos naturais, dos empreendimentos e da própria sociedade, constituído por três pilares: o econômico, o social e o ambiental (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1987).

No Brasil, país colonizado tendo escravizado a mão de obra negra por mais de 300 anos, tem enraizado em sua estrutura social o racismo. Racismo é a crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. A partir dos anos 1930, houve um investimento ideológico no sentido de romantizar a miscigenação, originando o chamado mito da democracia racial (COELHO, Angela, et al., 2018).

Contudo, a população negra sequestrada e escravizada em toda a sua história no Brasil, demonstrou sua resistência ao arbítrio promovido pela mais valia absoluta. Essa resistência veio através de formas de manter seus aspectos culturais e suas religiões. Dentro do campo da resistência dos negros a escravização, surge a estrutura do Quilombo, no qual eram comunidades formadas em sua maioria por escravizados. Os Quilombos se tornam uma resistência, não só a escravização existente na Colônia e posteriormente no Império, mas também ao modelo econômico e estrutural existentes nesses lugares.

Anualmente, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), promove a Semana de Integração Acadêmica (SIA), que tem como objetivo proporcionar aos estudantes da instituição, a oportunidade de apresentarem os resultados de suas pesquisas e atividades desenvolvidas na UNIRIO. Em sua 17ª edição, a Semana de Integração Acadêmica, realizada entre os dias 21 e 27 de outubro de 2019, teve como tema Bioeconomia: Diversidade e Riqueza para o Desenvolvimento Sustentável, pensando na realidade atual e, a fim de ressaltar e defender a importância da produção de conhecimento sustentável através dos projetos de extensão da universidade. O Projeto LUZ, CÂMERA, AÇÃO produziu um documentário que une uma discussão sobre aspectos sociais, muito presente no curso de Serviço Social, com a questão da sustentabilidade proposta pela SIA e, para promover esse debate, foi feito o documentário *Quilombo como espaço de resistência ambiental*.

ESCRavidÃO E RACISMO NO BRASIL

Assim como as outras colônias dos tropicais e subtropicais, o Brasil, desde os primórdios de sua conquista, serviu para Portugal uma colônia de exploração. Seu objetivo primava para, além de ajudar a expandir os mercados portugueses, explorar as possíveis riquezas que existiam no Novo Mundo. A exploração de novos territórios na América, acontecia junto – e por causa – das atividades capitalistas, que em conjunto à outras práticas, como a escravidão, o extermínio da população nativa e os saques às Índias Orientais (MARX, [1867] 1982), ajudava a implantar esse novo modelo econômico.

Tendo em vista seu caráter de exploração, somado ao modo de produção de exploração aplicados em outras colônias americanas, as plantations, precisavam ter aqui contingente grande de força-de-trabalho para suprir essa demanda. Há indícios que os primeiros escravizados negros tenham desembarcado no Brasil, por volta de 1530 (PRADO, 1984). A utilização da força-de-trabalho negra já acontecia em Portugal nos séculos XIV e XV, em decorrência de conflitos com os mouros e outras guerras, mas no Brasil, a força-de-trabalho escravizada negra, demoraria um pouco para se consolidar. Com a Bula Papal de 1455, que revogou a concentração de escravizados considerados infiéis (WILLIAMS, 1975), Portugal viu sua numerosa de força de trabalho diminuir.

Em um primeiro momento na colonização portuguesa no Brasil, foi utilizada primeiro a força-de-trabalho indígena, tendo em vista o alto custo da força-de-trabalho negra escravizada. A

utilização da escravização indígena fora já oficializada diante em 1570 sob algumas condições¹, e somente abolida no século XVIII.

O Brasil teve três ciclos econômicos durante o período que explorou a força-de-trabalho escravizada: do açúcar, do ouro e do café. A lógica capitalista de mais valia, no Brasil escravista é somada a máxima exploração da força-de-trabalho escravizada, sobretudo a negra. Esse modelo capitalista implementado nas Américas, difere do modelo de exploração do trabalhador na Europa (MAZZEO, 1995), impôs uma vida abominável para os negros que, em suma, compunham majoritariamente a força-de-trabalho brasileira. As barbáries da escravização, iam de torturas físicas à psicológicas: estupros, mutilações, apagamento da cultura, proibição da religiosidade, e todos esses atos execráveis tinham resistências do povo preto, principalmente através de fugas, revoltas e formação de quilombos. Dentre essas revoltas, se destacam a Conjuração Baiana (1798) e a Revolta dos Malês (1835).

As classes dominantes brasileiras tinham um caráter conservador, racista e subserviente, além de viver constantemente em dependência econômica e intelectual dos grandes centros capitalistas (MAZZEO, 1995). Essa classe dominante, postergou ao máximo a abolição da escravatura, que ocorreu de forma lenta e gradual. As elites brasileiras ainda fundamentavam seu medo da abolição, por causa do haitianismo que rondavam os países escravistas. O haitianismo foi como ficou conhecida a Revolução do Haiti (1791-1804) que foi uma revolução colonial promovida por escravizados negros. Essa revolução não só libertou os negros, mas também libertou o Haiti do domínio europeu. Por ser uma revolução feita por escravos, na qual houve um elevado número de mortes de brancos, o haitianismo se tornou uma ameaça às classes dominantes escravistas de outros países (SAMPAIO, 2016).

Houveram leis que, aos poucos, restringiam a escravidão, são elas: Lei Eusébio de Queiróz (1850) que proibia o tráfico negreiro; Lei do Ventre Livre (1871) que previa que crianças nascidas a partir daquela data estariam livres; Lei dos Sexagenários (1885) que declarava livre escravizados com mais de 65 anos (AZEVEDO, 1987). Somente em 1888, o Brasil aboliu a escravização, se tornando o último país do mundo a abolir o trabalho negro escravizado.

A abolição, feita de forma vagarosa, ordenada pelas classes dominantes, só ocorreu também por uma questão econômica pois, manter um escravizado negro, se tornou muito mais caro que a força-de-trabalho livre (FOOT HARDMAN e LEONARDI, 1982). Em nenhum momento, foi pensado por essas elites a inclusão da população negra escravizada na sociedade, pelo contrário, foram criadas estruturas que mantivessem a submissão racial e econômicas já vigentes no Brasil.

As consequências da escravização negra reverberam até os dias de hoje, onde há por parte da sociedade brasileira, uma enorme criminalização das pessoas negras. Os negros no Brasil sofreram cerca de 300 anos de escravização e, após isso, continuaram sofrendo com a exploração econômica, a marginalização e a violência pelo Estado.

QUILOMBOS E QUILMBOLAS

A forma de organização social, política e econômica denominada quilombo, surgida do tempo da escravização no Brasil, tem por sua finalidade a resistência à exploração escravagista. Essa organização nasce a partir dos métodos cruéis utilizados e também da mais valia total, perpetrada pelo modelo de trabalho escravocrata. Sua composição era formada por: “escravistas fugidos do serviço militar, criminosos, índios, mulatos e negros marginalizados” (1981, p.18).

A existência de quilombos no Brasil perdurou durante todo o período de utilização da força-de-trabalho negra escravizada. Dado a dinâmica de trabalho imposta ao escravizados, a única forma de resistência eram as fugas ou as rebeliões, destarte que não havia a barganha entre operário e patrão, vigente nos países industrializados no mesmo período (MOURA, 1995).

A organização quilombola mais conhecida no período escravista foi o Quilombo do Palmares que existiu durante o período colonial brasileiro. Se contrapondo à lógica escravocrata colonial vigente, Palmares tinha uma estrutura semelhante a República com uma economia comunitária. Seu sucesso consiste em ter crescido ao ponto de ter entre 20 a 30 mil habitantes, além do fato de ter

1

resistido por mais de um século a tentativas de destruição. Mesmo após seu fim, o sucesso de experiência palmarina persiste no legado deixado por Zumbi, Dandara e tantos outros que resistiram bravamente ao mais sórdido modelo de trabalho opressor.

Na contemporaneidade, o quilombo preserva a sua identidade de resistência, mas também apresenta novas características, como conservação da memória e costumes, além de ter um valor socioambiental. A resistência cultural é traço marcante dessas comunidades, que por vezes realizam eventos abertos ao público de maneira a compartilhar práticas tradicionais do povo negro involuntariamente expatriado, acrescido a vivência brasileira do sincretismo cultural. São realizadas feijoadas, roda de samba, jongo e capoeira que servem de ferramentas em busca de recursos financeiros que possam garantir a subsistência da comunidade, visto que, na atualidade, a luta não é contra a escravização dos governos coloniais e imperiais, mas uma luta contra as forças dominantes que querem ceifar a sua história e o meio ambiente.

A HISTÓRIA DO QUILOMBO DO GROTÃO

De acordo com a Fundação Cultural Palmares, existem 41 comunidades quilombolas situadas no estado do Rio de Janeiro. Dentre essas, o Quilombo do Grotão é o único presente em Niterói. Este Quilombo existe – e também resiste - há mais de setenta anos no bairro do Engenho do Mato.

A história do Quilombo do Grotão inicia-se quando o casal Manoel Bonfim e Maria Vicência saíram de Sergipe e foram trabalhar na Fazenda Engenho do Mato em 1920, produzindo banana prata em grande escala para todo o município de Niterói.

Em entrevista cedida ao Extra, em 2015, Renatão, um dos líderes do Quilombo, mencionou sobre a dificuldade de permanência nos espaços ocupados pelos quilombos desde o passado. Isso porque, na década de 1940, os trabalhadores não tiveram o título de propriedade repassado e, na década de 60, outro problema os assolou: uma loteadora tentou expulsá-los da terra. Além das ameaças que sofriam, tiveram suas plantações queimadas e, a partir desse cenário, o Estado precisou intervir, destinando os espaços mais baratos aos moradores originários.

Contudo, até hoje a especulação imobiliária é um problema para eles e, sem opção, algumas pessoas acabam vendendo suas terras, tendo que sair de seus espaços. A criação do Parque Estadual da Serra da Tiririca (1991) colocou-os mais uma vez em situação de risco, pois houve uma nova demarcação da terra, onde eles seriam desapropriados. Outro fator era que, por não terem associação, não podiam participar do Conselho do Parque.

Dessa forma, precisaram juntar dinheiro para criarem sua associação e encontraram como solução a realização de feijoadas na lenha, uma reinvenção feita pela comunidade para continuar com a cultura afro-africana, como disse seu líder Renatão, ao jornal Brasil de Fato. Hoje em dia, como mostrado por esse mesmo jornal, o Quilombo do Grotão oferece aulas de percussão, capoeira e artesanato. Além disso, é muito famoso na região por sua roda de samba e pela tradicional feijoada.

Em tempos de quarentena, as atividades foram suspensas pelo quilombo para não gerarem aglomeração como visto no perfil do Facebook deles. Mas a pandemia não os impediu de permanecerem ativos, pois eles continuaram realizando suas atividades. Suas rodas de samba foram realizadas através de Lives e, por meio de Delivery, a feijoada continuou sendo disponibilizada. Dessa forma, o Quilombo do Grotão mostra as adaptações que precisa fazer constantemente para continuar presente e resistindo em sua terra.

ELABORAÇÃO DO TRABALHO

A partir do recorte proposto pela já tradicional Semana de Integração Acadêmica da UNIRIO, realizada na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) integrando a Jornada de Iniciação Científica (JIC), Semana de Ensino de Graduação, Encontro de Extensão, Jornada de Pós-Graduação, Jornada de Educação a Distância, Jornada de Inovação e a Jornada de Incentivo Acadêmico, Bioeconomia: Diversidade e Riqueza para o Desenvolvimento Sustentável, o Projeto LUZ, CÂMERA, AÇÃO: as relações de gênero e racismo no cinema, optou pela apresentação no eixo cultural sobre a vivência quilombola atrelada com a sustentabilidade. Essa escolha se deu em um contexto no qual o

grupo vinha apresentando, tendo em vista que o racismo ambiental é uma das facetas da discriminação racial que pode ser observada na sociedade brasileira. Segundo BARBOSA 2020:

O racismo ambiental é uma forma de racismo institucional, uma vez que a omissão de políticas públicas favorece que no meio ambiente vigorem determinantes da desigualdade social e racial, resultando em iniquidades raciais, exploração política e enfrentamento dos piores problemas ambientais pelas comunidades negras.

“Com os recursos audiovisuais como plataforma de levar o debate racial e de gênero, buscamos no sentido inverso levar as possibilidades do desenvolvimento sustentável adotadas pelo Quilombo do Grotão”. Como exposto na inscrição do projeto na SIA, um dos movimentos mais importantes da proposta era levar à universidade a sabedoria popular tradicional por vezes negligenciadas pela intelectualidade.

A escolha da temática quilombola, se deu pela busca pela reprodução social desses grupos de resistência de maneira diferenciada do modo de reprodução capitalista, ainda que inserido nele. Como já citado, o racismo é uma das categorias centrais para o entendimento da sociedade capitalista. Ao se pensar no Brasil e em suas questões raciais – mal – discutidas, como por exemplo o mito da democracia racial (MUNANGA, 1999). O histórico de negação das diferenças de vivências de acordo com a racialização compromete ainda mais a luta por titulação de demarcações quilombolas, é encarar um passado negligenciado.

A equipe do projeto foi dividida com o objetivo de mapear as áreas de ocupação quilombola no estado do Rio de Janeiro, entrar em contato com as mesmas para então saber da viabilidade de uma entrevista no local e a elaboração de imagens cenográficas dessa vivência permeada pela preservação ambiental.

Foram feitas tentativas de contato com os seguintes quilombos: Campinho da Independência (Paraty), São José da Serra (Conservatória), Sacopã (Zona Sul RJ) e Camorim (Zona Oeste RJ) e tentaríamos, a princípio, uma visita em todos eles.

Diversos foram os motivos que nos fizeram reduzir o recorte. Tínhamos um prazo apertado para a realização das entrevistas e sabíamos que a edição de um curta metragem consumiria bastante tempo. Seria ainda necessário que o deslocamento da equipe fosse financiado pelos próprios estudantes já que não conseguimos junto à universidade um meio de transporte ou qualquer subsídio para financiar o mesmo. Algumas das comunidades também tem como prática a cobrança para a concessão de entrevistas, o que nos fez reduzir ainda mais nossas possibilidades diante de tal quadro. Mais tarde, durante a nossa conversa com a liderança do quilombo que nos cedeu entrevista, compreendemos que a prática de retirar dessas comunidades tradicionais material para elaboração de pesquisa ou entrevistas, não considerava muitas das vezes que o retorno a elas era importante, apenas utilizando o material colhido sem reconhecer o cunho “extrativista” de tal atitude.

Foi então que o projeto como um todo decidi, diante do exposto, optar por fazer apenas uma visita e o local escolhido foi o Quilombo do Grotão em Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro.

Nosso contato era com Renatão, um dos líderes da comunidade Quilombola em questão. Elaboramos quatro perguntas centrais para a conduzir a entrevista mas deixamos em aberto para que caso outros tópicos surgissem, fossem incluídos também. Eram os tópicos norteadores: História da formação da comunidade, gestão dos recursos ambientais, demarcação da terra e reprodução das tradições culturais.

Como consta em sua página do Facebook para divulgação de eventos, “O Quilombo do Grotão é uma comunidade tradicional, remanescente de quilombo e símbolo de resistência cultural e ambiental”. Nasceu com a vinda de famílias de Sergipe para trabalharem na fazenda de café e assim foi feito durante quase 30 anos, porém com a falência da mesma, parte da fazenda foi repartida entre as famílias que ali viviam para que pudessem continuar tirando seu sustento da terra. Percebemos ainda no começo do relato de Renatão, a importância da preservação da natureza que carrega consigo a história daquelas famílias sem, contudo, haver um apagamento de quem eles eram antes de chegar à região sudeste brasileira.

Com a falência, a produção de café foi substituída, principalmente por bananais e outros como abóbora, quiabo, maxixe e aipim entre a colheita das bananas para haver a garantia da segurança alimentar.

Em meados da década de cinquenta, foram registradas as cerca de trinta famílias que viviam na região para que a terra pudesse ser legalmente deles. A gênese da legalização, no entanto, ocorreu pela queima frequente de grileiros em partes das plantações da comunidade. A administração da região foi incorporada a Serra da Tiririca, e iniciou-se um movimento de transformação em parque ambiental.

Por frequência, assimilamos a criação de parques florestais com a sustentabilidade, porém inserido nesse contexto ela vai de caminho oposto. As áreas de reserva florestal não podem ser violadas, por tanto não é possível que nela haja plantação ainda que para subsistência da comunidade tradicional nela inserida.

Diante desta informação, podemos perceber que a aproximação com as comunidades a qual estudamos é fundamental para entendermos a complexidade dos acontecimentos, sem estacionarmos no senso comum.

Durante a edição, percebemos que o tempo de exibição programado para o evento, de 10 minutos, não abarcaria todo o material de qualidade que recolhemos então, elaboramos um compilado mais enxuto para aquela ocasião e estendemos nosso prazo para a produção de um conteúdo mais completo, para ser publicado no canal do *YouTube* do projeto.

O LUZ, CÂMERA AÇÃO tem como marca a criação de eventos para levar para dentro dos muros da universidade via eixo cultural, música, vídeos, curta e longas metragens, debates de raça, classe e gênero de maneira diferente da rotina de exposição em sala de aula, mas sem perder a riqueza do arcabouço teórico. O formato e a possibilidade de contato foram muito apreciados e nos comprometemos, dentro das possibilidades, visitar outras comunidades tradicionais para elaborar mais conteúdo como este.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão de Serviço Social, a partir dos anos 1980, vem se consolidando na defesa de valores emancipatórios tais como liberdade, defesa intransigente dos direitos humanos, cidadania, democracia, equidade, justiça social e a construção de uma nova ordem societária, sem dominação e exploração de classe, raça/etnia e gênero, conforme os princípios do Código de Ética profissional vigente desde 1993. (CFESS. O código de ética do (a) assistente social. São Paulo: Cortez, 2012)

O projeto de extensão: Luz, Câmera, Ação: A presença das relações de gênero e do racismo, criado em 2014, vinculado à Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, ao estabelecer como objetivo a democratização do conhecimento à respeito das relações patriarcais de gênero, do racismo e da orientação sexual, contribui com a construção de uma sociedade livre de expressões da questão social como o racismo estrutural e estruturante existente em solo brasileiro.

A partir da defesa de uma Universidade pública, gratuita, laica, de qualidade e socialmente referenciada e, considerando a função social da universidade, de produzir conhecimento que esteja à serviço dos interesses da sociedade, sobretudo da classe trabalhadora, bem como o tripé que compõe a formação profissional em nível superior, qual seja: Ensino, Pesquisa e Extensão, compreendemos que o verdadeiro sentido da Política de Extensão é o do diálogo democrático entre sociedade e universidade.

Tal compreensão a respeito da extensão, nos leva a reconhecer a produção do conhecimento para além dos muros da universidade e da ciência e ensino formal, muitas vezes construído a partir de perspectivas racistas, classistas e LGBTfóbicas que servem para a manutenção do status quo, ou seja, a manutenção de uma sociedade extremamente desigual.

Sendo assim, ao buscarmos conhecer e dar visibilidade às experiências de sustentabilidade do Quilombo do Grotão, nos posicionamos na defesa da importância do conhecimento produzido e vivenciado pelas comunidades quilombolas, sobretudo construídos a partir da tradição oral, o que não diminui sua importância frente à produção do conhecimento escrito, produzido pela Universidade.

O debate hegemônico a respeito da sustentabilidade vem sendo capitaneado e financiado, sobretudo por grandes corporações capitalistas que tem por objetivo o lucro. Compreender o conceito de sustentabilidade a partir das experiências das comunidades quilombolas, significa defender uma relação com a natureza e a produção de alimentos, cujo objetivo é o bem-estar da comunidade, e em última instância a sobrevivência da própria humanidade.

Em suma, acreditamos que o conceito de sustentabilidade das populações quilombolas, contribui para a construção de uma sociedade justa e democrática, e nos inspirarmos nessas experiências, fortalece a construção de um projeto de Universidade e de Extensão que esteja à serviço da população e da classe trabalhadora. Desta forma, acreditamos que o Projeto de Extensão em tela, inspirado no projeto ético-político do serviço social, contribui para a construção da emancipação humana e de uma sociedade livre do racismo estrutural vigente na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: O negro no imaginário das elites - século XIX.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, Victor. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um *continuum* colonial chamado racismo ambiental: **Saúde soc.** vol.29 n.2 São Paulo, 2020.

BRUNDTLAND, G. H. (Org.) **Nosso futuro comum.** Rio de Janeiro: FGV, 1987.

COELHO, Angela, et al., **Questão racial e formação profissional em Serviço Social.** II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult, Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

FOOT HARDMAN, Francisco; LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 1920.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

MAZZEO, Antonio Carlos. **Burguesia e capitalismo no Brasil.** 2ª edição. São Paulo: Ática, 1995.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra.** 5 ed. Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. Os quilombos e a luta de classes no Brasil. In: **Debate Sindical,** São Paulo, n.20, dez.1995 e jan./fev. 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra.** Petrópolis: Ed.Vozes, 1999.

PRADO Jr., Caio. **História econômica do Brasil.** 30ª ed. São Paulo: Brasiliense, [1945] 1984.

SAMPAIO, Claudineide Rodrigues Lima. **O Haitianismo no Brasil e o medo de uma onda revolucionária.** Anais do X Colóquio da Unicap. 2016.

SOUSA, Vanessa Bezerra de. **Projeto de Extensão LUZ, CÂMERA, AÇÃO: a presença das relações de gênero e do racismo no cinema,** 2020.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e Escravidão.** Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1975.

Sites utilizados

Quilombo do Grotão, em Niterói, tem história de luta pela terra e por igualdade. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/quilombo-do-grotao-em-niteroi-tem-historia-de-luta-pela-terra-por-igualdade-18101278.html#:~:text=15%2009%3A21-.Quilombo%20do%20Grotão%2C%20em%20Niterói%2C%20tem%20história%20de%20luta,pela%20terra%20e%20por%20igualdade&text=Eles%20têm%20consciência%20de%20que%20a%20>

20luta%20está%20longe%20do%20fim.&text=A%20comunidade%20tradicional%20ocupa%20p arte,que%20empresta%20nome%20ao%20bairro. Acesso em 12/10/2020.

Quilombo do Grotão: resistência tradicional em Niterói (RJ). Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2018/11/23/quilombo-do-grotao-resistencia-tradicional-em-niteroi-rj>> Acesso em: 12/10/2020.